

# PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS JUNTO A CRIANÇAS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Marielle Rosa Ferreira<sup>1</sup>

Maria Clemência Pinheiro de Lima Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa teve como objetivo geral pesquisar relatos sobre procedimentos na Educação infantil voltados para crianças com Transtorno do Espectro Autista, os quais apresentam-se como desafios. Ao lidar com as necessidades especiais, de maneira geral, estamos envolvidos em contexto de realidades diferentes e que influenciam no desenvolvimento da criança. Diante de um tema tão complexo quanto este, foi necessário inicialmente descrever sobre as especificidades do TEA, em seguida analisar sobre o professor na atuação com crianças com TEA e por fim descrever estudos de caso que representam situações de sala de aula junto a crianças com TEA. Esta pesquisa pode produzir conhecimentos e levantar informações que ajudem os profissionais da Educação a lidar melhor com crianças com TEA, repensando suas condutas. Para a composição deste trabalho foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica. Diante de todos os dados coletados, chegamos à conclusão quanto à necessidade de se ter uma compreensão e um conhecimento maior sobre o mundo das crianças com TEA e as formas de lidar com elas no contexto da sala de aula, sobretudo na Educação Infantil. Os relatos de experiência fizeram parte da composição deste artigo, na tentativa de uma aproximação da teoria com a prática.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista, Educação, Práticas pedagógicas.

## INTRODUÇÃO

Segundo Tomaz (2018) lidar com uma criança que possui Transtorno do Espectro Autista – TEA, no contexto da Educação Infantil, significa lidar com os elementos que se referem ao desenvolvimento em um contexto de relações, de habilidades de aprendizagem, de reciprocidade sócio emocional, de comunicação social, verbal e não verbal, incluindo ainda a rotina da vida escolar.

De forma geral, os estudos afirmam que não há cura para o TEA, mas o ambiente e o contexto escolar, com procedimentos pedagógicos adequados podem auxiliar o professor a impulsionar o desenvolvimento de crianças nesta situação.

Algumas crianças com TEA aprendem tudo muito rapidamente e outras já não têm tanta facilidade, estas se distraem rápido e muitas vezes não demonstram interesse por aquilo que o professor está propondo (CUNHA, 2009).

---

<sup>1</sup> Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA;

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

Neste sentido torna-se necessário que os professores reflitam sobre as formas de lidar com as crianças que têm tal transtorno e repensem procedimentos pedagógicos, pois muitas vezes são necessárias adaptações para contribuir com a formação desta criança na Educação Infantil em meio aos demais que fazem parte da mesma turma.

Para Cunha (2009):

As abordagens pedagógicas em pessoas com autismo são de base comportamental. No entanto, não visam aprisioná-las a condicionamentos específicos, antes, tentam livrá-las das limitações comportamentais que lhes trazem dano. O autismo requer do professor estudo, preparação e dedicação. Para além da condição limítrofe do autista, estará a sua condição humana e os seus atributos e a sua natureza de aprendiz. Para além das nossas atribuições de ensinantes, estará a nossa capacidade de educar pelo nosso exemplo e amor. (CUNHA, 2009, p.13)

Ou seja, Cunha (2009) ressalta neste trecho que o princípio do desenvolvimento do aluno depende parcialmente da dedicação e interesse do educador para com esse aluno.

Em um estudo sobre um tema tão complexo quanto este, porém muito pertinente à educação, não poderíamos deixar de tratar sobre procedimentos pedagógicos que vêm sendo considerados válidos no trabalho com crianças com TEA, uma vez que as informações e recursos estão mais próximos dos profissionais.

O principal objetivo deste trabalho foi descrever e analisar alguns relatos que trazem experiências de procedimentos e condutas pedagógicas com crianças da Educação Infantil que têm TEA, mas antes disso, foi necessário contextualizar sobre características das crianças com TEA, na sequência consideramos de forma geral o trabalho dos professores junto a essas crianças, e por fim, em um terceiro momento, destacamos, de forma resumida, alguns casos que interligam os procedimentos propriamente dito dos professores ao lidarem com crianças com TEA.

A metodologia utilizada para a produção deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica.

## **1. As especificidades do TEA**

O transtorno do espectro autista pode aparecer nas crianças logo nos primeiros anos de vida ou ao longo de seu crescimento, proveniente de causas genéticas, mas sua identificação é muito complexa, pois os sintomas são incertos, não há como afirmar

o diagnóstico de imediato. Segundo Cunha (2009), o autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas, sendo que, a respeito das causas do TEA, os fatores não são satisfatoriamente conhecidos, embora alguns estudiosos acreditem que os fatores metabólicos decorrentes de alterações bioquímicas são, de certa forma, submetidos aos efeitos do ambiente e modificados por ele. Em razão disso, existe uma grande preocupação atual com a toxicidade dos metais pesados e a sua influência nos processos biológicos que levam aos sintomas.

Cunha (2009 apud SHAW, 2002) enfatiza:

Como bioquímico, creio que qualquer doença que tenha um efeito devastador no indivíduo está ligada a uma alteração bioquímica individual. A presunção é que, se uma pessoa tem uma doença grave como o TEA, convulsões ou paralisia cerebral, deve haver alguma alteração em um ou mais processos químicos do corpo. (SHAW, 2002 apud CUNHA, 2009, p.31)

Baseado nos estudos realizados por Monteiro (2016) e Cunha (2009), a criança com TEA, em geral, possui grandes dificuldades para realizar tarefas comuns na vida diária. É dever de quem convive com crianças com TEA, propiciar suporte para que esta se torne independente e seja capaz de realizar desde tarefas simples até as que exigem mais empenho sozinhos. O afeto é de primordial valor na dinâmica e na superação das dificuldades.

Segundo Cunha (2009), é normal à criança com TEA tentar esquivar-se para fugir ou até irritar-se e usar de birras para não fazer o que é pedido. A atitude do adulto não deve valorizar essas reações e sim redirecionar de forma lúdica a atenção da criança para a atividade. O corpo humano é repleto de mistérios e enigmas, o de crianças com TEA principalmente. Nossos neurônios são repletos de informações e significados, estes sinais e significados são responsáveis por transmitir a mensagem do nosso cérebro para o corpo inteiro, as crianças com TEA geralmente não conseguem transmitir essas mensagens com tanta eficiência, por isso é necessário um comprometimento maior dos professores na Educação Infantil junto a essas crianças para que sejam estimuladas constantemente.

Há algumas síndromes que têm aproximação com o TEA. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5 (2014) afirma:

O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (DSM – 5, 2014, p.97).

Sobretudo as crianças com a síndrome de Asperger, são consideradas autistas de alto desenvolvimento, são mais inteligentes e têm uma aptidão maior para a lógica e a abstração e possui interesses excêntricos. Segundo Cunha (2009), este transtorno ocorre mais entre os meninos, é uma média de 1 menina para cada 8 meninos. A autora comenta que o filme “O caso de Kim Peek” retrata uma situação de Asperger; este retrata que estas crianças têm condições de levar uma vida com qualidade, ainda que haja algumas perdas sócio afetivas.

## **2. A atuação do professor junto a crianças com TEA na Educação Infantil**

Sendo a Educação Infantil o início da vida escolar, espera-se que seja um período de grande despertar e descobertas em que as crianças passem a compreender e sentir que este lugar é significativo para elas. Nesta fase, elas vivem intensa socialização e passam a perceber que as atividades coletivas são prazerosas. Portanto, no que diz respeito às crianças com TEA, é necessária atenção específica e cuidado, pois tais aspectos são um grande desafio para elas.

Muitos casos de comportamento autístico foram percebidos primeiramente no ambiente escolar, já na Educação Infantil. Na escola é necessário que o afeto esteja presente nas relações e os estímulos devem ser específicos e peculiares para conduzir o aluno ao aprendizado, mesmo porque, como afirma Cunha (2009, p.30): “na educação, quem mostra o caminho é quem aprende e não quem ensina”. Assim, as observações que o professor faz à medida que propõe estímulos e registra as respostas e reações do aluno, poderão contribuir significativamente na avaliação do grau de TEA e sinalizar seu processo de aprendizagem.

Aparecida (2015) afirma que o processo de mediação dos educadores junto às crianças com TEA na Educação Infantil, deve acontecer por meio de atividades lúdicas. A autora destaca que há uma ausência e fragilidade na formação inicial e continuada do

professor, na orientação e apoio com instruções para lidar com crianças com TEA, havendo a necessidade de ampliação dos conhecimentos para mediar a cultura lúdica às crianças com este transtorno.

O principal foco a ser analisado na mediação pedagógica, segundo Couto (2009) é o fato de que o professor, mesmo não sendo o único mediador no âmbito escolar, torna-se um elemento fundamental visto que é ele quem vai criar, elaborar, estudar e pensar maneiras de envolver a criança. É importante ressaltar que as mediações são feitas com pessoas que estão ali presentes, e, que quanto maiores forem as informações que o professor tiver, maior a sua dedicação em relação ao aluno e sua percepção da necessidade de pesquisar sobre o assunto e executar seu trabalho visando resultados efetivos.

Neste sentido, Cunha (2009) ressalta que o entendimento preciso dos contextos comportamentais do aluno com TEA, demandará permanente vigilância, sensibilidade e perseverança do educador. No entanto, a prática escolar é uma grande oportunidade para profissionais e familiares construírem um repertório de ações inclusivas para o trabalho com TEA. A autora afirma que o comando de voz é o convite do professor ao aluno para identificação do objeto, é o exercício de comunicação oral para nomear as ações e atividades. O educador deve sempre chamar o aluno com TEA pelo nome, comunicando-lhe o que irá ser realizado naquele momento.

Couto (2007) afirma que entender o funcionamento do substrato neurológico de uma criança com TEA, permitirá ao docente promover mais qualidade nas suas intervenções já desde a Educação Infantil. O autor afirma:

É necessário enfatizar que buscar compreender o substrato biológico não significa em hipótese alguma, buscar subsídios para culpabilizar o sujeito por prováveis não-aprendizagens, como durante certo tempo foi o enfoque das explicações pedagógicas e psicológicas ao fracasso escolar. Também não significa de forma alguma uma proposição de retorno ao processo de medicalização dos problemas de aprendizagem. Ao contrário, entender o funcionamento do substrato neurológico permitirá ao docente promover mais qualidade nas suas intervenções uma vez que terá noção do que está sendo acionado em cada atividade do processo de ensino e aprendizagem. (COUTO, 2007, p.146)

A criança com TEA na maioria das vezes desenvolve algum tipo de lesão nos neurônios transmissores de mensagens consequentemente limitando muitas ações no seu corpo. No cérebro da criança com TEA esses estímulos tendem a ter uma boa

duração em um período mínimo, por isso é sempre necessário que o professor crie constantemente propostas que agucem a inteligência de forma a não deixar de responder aos estímulos rápidos da criança com TEA, mesmo que depois o professor precise voltar no ponto de partida ou em algumas práticas que já foram feitas, elas ainda serão práticas eficientes se forem alternadas com outras (COUTO, 2007).

O primeiro passo para a construção de um currículo escolar para o aluno com TEA é a avaliação para saber quais habilidades necessitam ser conquistadas. Os materiais pedagógicos que podemos chamar de 'materiais de construção do conhecimento', adquirem grande importância na educação em casos de autismo. (CUNHA, 2009). Os jogos de encaixe montessorianos são opções que contribuem para que o aluno com TEA obedeça aos seus próprios esquemas mentais de forma que, com o tempo, vá aprendendo a maneira de encaixar as peças. O material não é o conteúdo curricular, mas é o instrumento que estimula o aluno possibilitando-lhe que refine seu aprendizado até atingir as elaborações cognitivas e motoras mais elevadas. Além de estimular o desenvolvimento motor e cognitivo, esses materiais possuem a capacidade de manter o aluno com TEA sob concentração, não permitindo a dispersão que comumente ocorre quando ele é simplesmente ouvinte (CUNHA, 2009).

Aparecida (2015, p.54) ressalta que professor deve elaborar o Plano de Atendimento Individualizado (PAI), também conhecido como Plano de Ensino Individualizado - PEI: “[...] um instrumento cujo objetivo central é o de melhorar ou de favorecer os processos de ensino, desenvolvimento e aprendizagem, considerando a ação da classe comum e o Apoio Pedagógico Especializado”.

Resumidamente Santos (2020) explica em uma matéria atualizada para o blog Educare, que o PEI é um documento pelo qual planejamos e acompanhamos o processo de aprendizagem e o desenvolvimento de crianças com necessidades educativas, como TEA, TDAH, entre outros, levando em consideração as especificidades de cada um. Este instrumento deve conter as habilidades que o aluno possui e as que devem ser estimuladas (acadêmicas, de vida diária, motoras e sociais), os conteúdos que serão trabalhados com a criança, os objetivos que queremos alcançar em cada um deles, a metodologia (como fazer?), os recursos que iremos utilizar e o prazo para colocar em prática o que planejamos. O autor reforça que o PEI

deve ser usado tanto pela escola, quanto pelo profissional da clínica que acompanha essa criança.

Monteiro (2016) ressalta que não podemos sempre esperar que o aluno aprenda de primeira o que se busca ensinar, ele estará sempre trabalhando a interação, a comunicação, a cognição e os movimentos. Por isso, é necessário que os professores designados para a Educação Infantil, sejam pacientes e persistentes com esses alunos. Os resultados são lentos e até podem demorar, mas cada conquista e avanço são significativos.

### **3. O trabalho junto a crianças com TEA na Educação Infantil: relatos de experiência.**

De modo geral, muitos são os desafios dos professores na sala de aula ao lidarem com alunos especiais. No caso das crianças com TEA, não é diferente, sendo este um processo cheio de interrogações porque o diagnóstico é moroso, tendo em vista as variáveis que o determinam. As classificações do DSM - 5 (2014), nos indicam uma série de sintomas, que podem se manifestar em maior ou menor escala, indicando a complexidade envolvida nesta necessidade especial, diferente de outras que são mais explícitas como um problema de visão, audição ou comprometimento motor.

Neste sentido, crescem as pesquisas e os estudos de caso, relatos e análises de diferentes contextos na realidade de salas de aulas na Educação Infantil, os quais merecem nossa atenção quando tratamos do assunto. Por isso, neste tópico, decidimos fazer um compilado de algumas experiências do trabalho de professores da Educação Infantil junto a crianças com TEA na realidade de suas salas de aula, as quais foram descritas e analisadas por diversos pesquisadores.

Correia (2012), em um estudo de caso, analisou o processo de inclusão de uma criança com TEA na Educação Infantil; neste, ressaltou a necessidade de se planejar práticas pedagógicas que considerem o fato do 'ser criança' e não a sua deficiência, compreendendo que o espaço da escola é muito significativo em sua vida. Neste sentido, o autor avalia que é necessário, portanto, valorizar as capacidades das crianças, desenvolvendo habilidades que, fora da escola, não teriam o mesmo alcance, tendo em vista a possibilidade de estímulos em uma sala de aula da Educação Infantil.

O autor enfatiza que, independentemente de suas condições físicas ou cognitivas, a todas as crianças deve dar-se o direito de brincar, sendo que, neste contexto, é possível o envolvimento das crianças com TEA de forma significativa.

Monteiro e Bragin (2016) observaram professoras que não permitiam a interação dos alunos com TEA junto aos demais, ou seja, os colocava em área reservada onde deveriam ficar sentados o tempo todo fazendo sempre as mesmas coisas, entendendo que desta maneira, evitariam a regressão. A pesquisa propôs intervenções e, com o tempo, as professoras perceberam que poderiam planejar novas atividades e decidiram desenvolver dinâmicas diferentes, iniciando pela mudança do espaço destes alunos, interagindo - os com os demais colegas. Foram propostas diversas atividades em grupo, e as crianças conseguiram se adaptar bem ao ambiente da sala de aula, ou seja, estas professoras, quebraram paradigmas percebendo que esses alunos também eram capazes de desenvolver algumas atividades de forma coletiva.

A exclusão social do aluno com TEA não tende a ter bons resultados futuros, e essa exclusão se inicia com atitudes como a dessas professoras que Monteiro e Bragin (2016) observaram. Portanto, é necessário que os educadores na Educação Infantil tenham o mínimo de capacitação para que quando receberem crianças com TEA, tenham ao menos, disposição e encorajamento para que essas crianças se sintam acolhidas e abertas para absorver o conhecimento possível.

Pereira e Costa (2000) relatam o caso específico de um aluno de 6 anos, quanto à qualidade da interação social e verbalização com seus pares no ambiente escolar, em um período de duas semanas. Os pesquisadores observaram que ele interagiu com os colegas, chamando alguns pelo nome, verbalizava e gritava quando algo não lhe agradava, e os tratava com gestos de carinho, dando abraços e beijos repetidas vezes, sendo que os demais alunos o retribuía com carinho e eram muito atenciosos ao recebê-lo. Verificaram ainda que o referido aluno não demonstrava iniciativa de brincadeiras ou conversas, preferindo ficar só ou andando pela escola, as vezes elegendo um percurso para fazê-lo repetidas vezes. A observação da qualidade de interação do aluno nas atividades pedagógicas propostas pela professora, foi realizada no período de duas semanas.

As autoras comentam que desde o início essa professora incluiu seu aluno em todas as atividades e que quando ela proporcionava a possibilidade de interação, o grupo apresentava aceitação e compreensão com a condição do aluno com TEA. Pereira e Costa (2000) destacam que a professora o incluiu em toda rotina diária, tais como boas vindas, momentos lúdicos, a rodinha musical, quando a criança em questão participava pulando e batendo palmas. Na sequência realizava a contação de história e a rodinha de conversa, momento em que dedicava para conversar e ouvir os alunos sobre o tema contado, neste momento o aluno não verbalizava e às vezes gritava, levantava e corria pela sala, quando algum barulho o incomodava, mas aparentemente ouvia toda a contação e a conversa. Seguido a este momento, a professora criava uma situação lúdica para falar sobre o tema planejado para aula e tentava incluir todos na brincadeira, chamando-os para participar; posteriormente propunha atividades, que os alunos executavam sentados e acompanhava a realização de cada um por mesa. A princípio, nesta etapa da aula, o aluno normalmente andava pela sala, pegava lápis de cor, os selecionava por cor ou tamanho, procurava por jogos pedagógicos, pedia para escrever palavras utilizando o alfabeto móvel, depois escrevia, lia corrigindo caso faltasse alguma letra, e só depois, quando a professora o abordava para fazer a atividade, este sentava e a realizava.

Cunha (2012, p.30) ressalta que no caminho pela busca da inclusão, os envolvidos poderão obter respostas positivas ou negativas, mas sempre será válida a tentativa. Com isso ele pretende que entendamos que não é porque um aluno não está reagindo aos métodos utilizados que ele deve ser deixado de lado, ele vai reagir no tempo e no momento em que ele se sentir confortável.

O relato a seguir, trata da experiência de Teixeira e Ganda (2019) que descreve um caso em que a professora utiliza-se do método TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children), em português significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficit relacionados com a Comunicação, o qual orienta que o educador vá observando o progresso do aluno e aos poucos vá evoluindo com propostas cada vez mais complexas. Esse método é um programa de ensino montado de acordo com as características, com as facilidades e dificuldades da criança, ou seja, ele é um método elaborado exclusivamente para cada

aluno que necessita de cuidados especiais e até mesmo com dificuldades de aprendizagem.

Teixeira e Ganda (2019) relatam sobre a vivência de quando começaram a trabalhar como auxiliares de sala. Segundo o relato, a professora começou a mudar a postura em sala, separando as crianças que antes sentavam juntas, pois cada uma gastava um tempo diferente para fazer a atividade proposta. Ela afirmava que não tinha como ensinar duas crianças, pois além desta criança em estudo ainda havia uma outra criança com TEA em grau menos elevado na sala de aula que exigem tamanha atenção e cuidados particulares, pois cada aluno é um ser único. Para ajudar aluno estudado a entender essas mudanças ela levou a caixa dos sentimentos e emoções assim ficaria mais fácil ele se expressar. A caixa facilitou muito a forma de tratá-lo e ajudou-o a compreender as mudanças de humor que tinha, criando uma conexão entre eles. As autoras do relato observaram que a professora passou a trabalhar com ele os aspectos motores como a coordenação motora fina, grossa e ampla, lateralidade (rolar, correr, pular, esquerda, direita, firmeza na mão ao escrever) e os aspectos sociais como sentar com os colegas no recreio, brincar e compartilhar brinquedos. Quando iniciou o trabalho com esta criança, ele não tinha interesse social, como vontade de participar em apresentações festivas e ou em atividades dentro de sala de aula. Ao final de um ano de trabalho, ele tornou-se um garoto sociável. A criança passou a ler livros para toda a turma e a interagir expressando desejo inclusive de participar em apresentações festivas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao chegarmos no final desse trabalho pudemos compreender um pouco mais como é a realidade de algumas crianças com TEA na Educação Infantil. Ao longo dos relatos de caso aqui citados, pudemos perceber a busca e as intenções dos professores nas tentativas de ajudar seus alunos com TEA a se desenvolverem. Conseguimos perceber que o primeiro passo para uma educação de qualidade para essas crianças é a formação de profissionais voltados para o trabalho com TEA, que tenham interesse em buscar procedimentos pedagógicos que sejam significativos para o desenvolvimento escolar dessas crianças já desde a Educação Infantil.

O afeto para com essas crianças é importante para o início de um desenvolvimento, pois estas tendem a ficarem retraídas quando em contato com pessoas novas. Então o primeiro passo para o professor da Educação Infantil é conquistar sua confiança e criar uma relação afetuosa, para então, colocar em prática seu plano de ação.

A grande maioria dos autores citados neste trabalho de pesquisa defende a ideia de que as atividades lúdicas são as formas mais indicadas de trabalho junto a crianças com TEA na Educação Infantil, pois através delas a criança se sente mais confiante, mais livre, sem a presença de muitas regras e a partir disso ela se abre para absorver o conhecimento que pretende ser repassado através dessa atividade lúdica. Lembrando que ao elaborar tais atividades, ao executá-las, os comandos devem ter clareza e ser direcionados nominalmente à criança.

Pudemos também compreender que ao elaborar um currículo de atividades para a criança com TEA o professor precisa compreender quais são as habilidades que aquele aluno já conquistou e aquelas que ele precisa conquistar, sendo que as atividades lúdicas auxiliam o professor a observar e compreender as características daquele aluno.

Os relatos de experiências foram uma tentativa de aproximação da teoria com a prática, os quais contribuirão para ampliação dos conhecimentos relativos à temática.

Portanto, percebemos como os professores têm papel relevante na formação da criança com TEA na Educação Infantil e que, a partir de um conhecimento um pouco mais profundo sobre as especificidades do transtorno, bem como a relação pessoal com tais crianças, estes encontrarão procedimentos pedagógicos enquanto condutas que são relevantes e que podem contribuir para a aprendizagem no ambiente escolar junto a estas crianças.

## REFERÊNCIAS

APARECIDA, Fernanda de Souza Corrêa Costa. **Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. BAURU, 2015. Universidade Estadual Paulista. Disponível em [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132928/costa\\_fasc\\_me\\_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132928/costa_fasc_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y) Acesso em: 08-03-2020 15:40

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro, WAK Ed., 2009.

COUTO, Susana JOSÉ, Antônio. Mediação pedagógica numa perspectiva neuropsicológica: uma contribuição ao processo de atenção às necessidades educacionais especiais. Bahia, 2007. **Revista Teoria e Pesquisa.** Publicado em [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br) – acessado em 12-10-2019 21:20

MONTEIRO, Maria Inês Bacelar; BRAGIN, Josiane Maria Bonatto. Práticas pedagógicas com autistas: ampliando possibilidades. Universidade Metodista de Piracicaba, 2016. **Journal of Research in Special Educational Needs.** V. 16, Number, 12016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12346> Acesso em: 09;03;2020 12:05 09 de mar. 2020.

PEREIRA, Odirlene Silva; COSTA, Rosa Coelho. **Autismo e Educação Infantil: relato de experiência com aluno de uma escola em Humberto de Campos – MA.** Humberto de Campos – MA. Instituto Universitário Atlântico – IUA Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV117\\_MD4\\_SA10\\_ID2457\\_05092018172238.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD4_SA10_ID2457_05092018172238.pdf) Acesso em 22-05-2020 17:15

SANTOS, Fernanda Andrade. **O QUE É O PEI – Plano Educacional Individual?** Florianópolis, 2020. Blog Educare. Disponível em <http://centroevolvere.com.br/blog/o-que-e-o-pei-plano-educacional-individual/> Aceso em: 08-05-2020 10:23

TEIXEIRA Maira Cristina Souza; GANDA Danielle Ribeiro. Inclusão e autismo: relato de caso sobre o trabalho com uma criança na Educação Infantil. **Rev. Psicol Saúde e Debate.** Dez., 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/626-Composi%C3%A7%C3%A3o%20Final-1811-1-10-20191226.pdf> Acesso em 22-05-2020 13:45

TOMAZ, Karla. **Atitudes e práticas pedagógicas de inclusão para o aluno com autismo.** **Revista Educação Especial.** São Paulo, 2018. Publicado em [www.periodicos.ufs.br](http://www.periodicos.ufs.br) acessado em 30-10-2019 20:30